



ANO II—SÉRIE II—N.º 65

O NOTÍCIAS ILUSTRADO

LISBOA, 8 DE SETEMBRO DE 1929

PROPRIEDADE E EMISSÃO DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS». SÉDE: RUA DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78
 LISBOA—TELEFONE: T. 821—TELEGRAMAS:—NOTÍCIAS LISBOA—OFICINAS GRAFICAS:
 OCOGRAVURA, LIMITADA. RUA D. PEDRO V 18 —TELEFONE: 631 N.—LISBOA

6 MESES

12 MESES

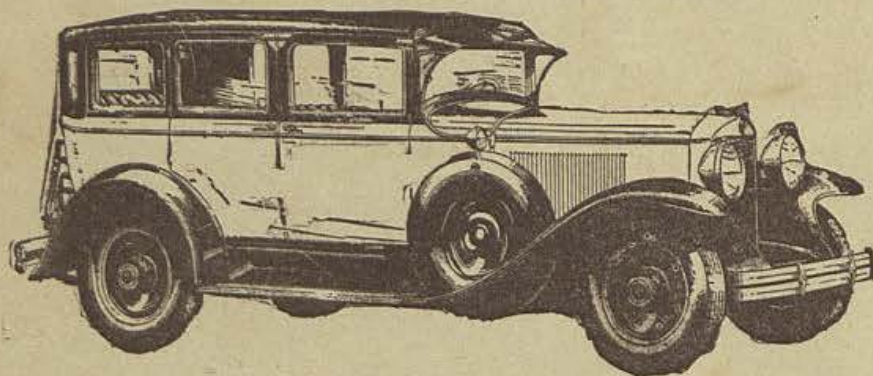
PREÇOS DE
 ASSIGNATURA

Portugal Continental e Insular... 35800
 Ultramar... 35000
 Espanha... 38400
 Brasil... 45400
 Outros países... 50400

Portugal Continental e Insular... 70800
 Ultramar... 78400
 Espanha... 78400
 Brasil... 86400
 Outros países... 100800

24 PAGINAS
 NUMERO AVULSO 1\$50

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS—EDITOR: ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO—DIRECTOR GERENTE: CAROLINA HOMEM CHRISTO



Digno da Sua Reputação



O novo Graham-Paige 612 merece a consideração de todos os automobilistas que se interessem por um produto de excepcional valor. O Modelo 612 impôs-se à confiança geral de todo o publico automobilista pelo seu maior tamanho, resistencia e melhor qualidade, atributos da perfeição do seu funcionamento.

A GRAHAM-PAIGE oferece uma grande variedade de carrocerias, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco chassis diferentes de seis e de oito cilindros—a preços diversos.
 Conduites interiores desde 38.500\$00.

Representante geral para Portugal:

J. COELHO PACHECO

21, Avenida da Liberdade—Lisboa

Salão de Exposição e «Serviço» - 90, R. Braamcamp, 94 - Tel. (P.B.X.) N. 2595

Agentes no Porto:

MANUEL DA SILVA CARMO & CT. LT.—129, R. de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

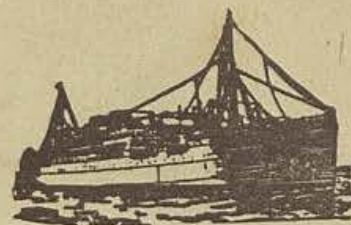
Musicas e Pianos

Gramofones—Discos—Instrumentos diversos
SOARES & VIANA, LTD.

48 — RUA DO LORETO — 50 — LISBOA TELEFONE T. 699

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NELSON LINE



OS NOVOS E MAGNIFICOS PAQUETES
«HIGHLAND MONARCH»
 DE 14500 TONELADAS

ESPERADO A 23 DE SETEMBRO
 PARA

Las Palmas, Rio de Janeiro,
 Montevideo e Buenos-Aires

«HIGHLAND CHIEFTAIN»
 ESPERADO A 30 DE SETEMBRO
 PARA

Vigo, Boulogne e Londres

Para carga e passagens de primeira,
 intermediaria e terceira classes, tratar
 com

OS AGENTES:

**Em Lisboa — E. Pinto Basto
 & C.ª, Ltd.**

AVENIDA 24 DE JULHO, 1, 1.º

Telefones Trindade 3601, 3602, 3603, 3605

HUMORISMO



O Dono da Casa ao pretendente de emprego:—
 Chegou tarde... Já temos mais de mil ofertas...
 —Nesse caso empregue-me em classificados...
 (Do "Pete-Mêie").

O "NOTÍCIAS" ILUSTRADO

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

O Carmo e a Trindade

HISTORIA NATURAL

Por Feliciano Santos

Ilustração de Botelho

CAPÍTULO IV

UMA SESSÃO AGITADA

O Sindicato dos Profissionais da Imprensa resolveu considerar-se em sessão permanente, até que a classe fosse dada uma satisfação pela prisão do camarada Alfredo Neto, detido na véspera, no jardim de inverno do S. Luiz-Cine, por ter aplicado duas estridentes bofetadas na cara duma senhora que lhe prometera ser, um dia, a sua cara metade.

Oradores fogosos tinham debatido larga e apaixonadamente o assunto, antes da ordem do dia e, como de costume, a laboriosa classe encontrava-se dividida em suas opiniões. Sabendo-se com antecedência que o assunto ia ser tratado em assembleia geral, muitos elementos, que costumavam brilhar pela ausência, tinham acorrido à reunião.

Presidia o Artur Portela, com duas almofadas no fundo da cadeira, para estar à altura das circunstâncias, secretariado por dois informadores anônimos, que todos se esbaforiam sobre o papel, a tomar nota dos nomes de quem pedia a palavra.

—Consulto a assembleia—propoz Artur Portela—sobre se aprova que a meia hora antes da ordem dos trabalhos seja prorrogada. Quem aprova, levanta-se... Aprovado por maioria.

E depois de consultar os secretários, que remexeram atabalhoadamente nos papéis:

—Tem a palavra o sr. Mario Salgueiro!

Cofiando as longas e venerandas barbas, rolando olhares terríveis para a esquerda e para a direita, o Mario Salgueiro, com a fluência com que costuma descompor as meninas do telefone, começou por propor:

—Proponho que o Sindicato se conserve em sessão permanente, até que o nosso consocio e camarada, Alfredo Neto, tenha soltura.

O presidente Portela poz a proposta à votação. Aprovada pela mesma maioria.

Mario Salgueiro, tardando-lhe a fala, fez sinal de que ainda não concluiu e a um gesto do presidente espraçou-se em considerações sobre os imortais princípios de 89, invocando os Direitos do Homem, para demonstrar que um dos direitos que o homem tem é o de aplicar dois estalos à mulher que de qualquer forma lhe pertence, quando a encontra nos braços de outro homem. E mesmo sero remontar à gloriosa revolução francesa, Mario Salgueiro achava que a própria constituição garantia esse direito ao camarada Alfredo Neto.

O presidente interveiu:

—Peço aos meus ilustres camaradas que se abstenham de qualquer alusão, que possa ser interpretada como política.

Mario Salgueiro protestou, esclarecendo:

—Quando disse que a constituição garantia o direito à bofetada, referia-me à constituição física do nosso camarada, Alfredo Neto, que tem corpo para dar e para levar.

Esclarecido o incidente, usou da palavra Carlos Rates, que a propósito do incidente desmentiu as violências atribuídas à Tcheka, a famosa organização policial russa, que no seu activo não tinha—felizmente!—acentuado—a prisão dum jornalista pelo irrisório delito de dar duas bofetadas numa mulher. E dispunha-se a falar largamente da emancipação da mulher rus-

sa, da sua participação na vida social, da sua actividade militar quando, a um sinal do representante da autoridade, o presidente Portela lhe cortou a palavra.

—Muito bem! Está fora da ordem!—disseram varias vozes.—Foral Foral!

O Carlos Rates, apoplectico, virou-se para a assembleia:

—Quem é que se permite levantar aqui a voz, para me gritar, a mim: Foral Foral!

Muito vermelho, os olhos fustilando iras, ergueu-se o Correia Marques:

—Quem levantou aqui a voz fui eu, que represento meus os camaradas da «Voz»!

O presidente agitava furiosamente a campainha, sem conseguir a ordem que de todos os lados se reclamava. Por fim, consultando mais uma vez os secretários, conseguiu fazer-se ouvir:

—Tem a palavra o sr. Correia Marques,

—Sr. Presidente, meus senhores! Quero justificar os meus votos de há pouco. Votei contra a prorrogação e contra a sessão permanente, porque professo as doutrinas do meu jornal sobre bofetadas. A bofetada não é uma reivindicação profissional nem um caso de policia. Cristo disse que se nos dessem uma bofetada numa face oferecemos a outra ao castigo e parece-



—Proponho que o Sindicato se conserve em sessão permanente, até que o nosso consocio e camarada, Alfredo Neto, tenha soltura.

me, portanto, que se o nosso consocio, sr. Alfredo Neto, fizesse penitencia, tudo se arranjaría pelo melhor. O que devemos lembrar-nos é de que tudo o que se passou foi originado pelo cinema, esse veneno da moral contemporanea, essa escola de perversão...

—Peço a palavra!—disse, com uma certa energia, o Avelino d'Almeida.

O orador estacou, fez-se um silencio deferente.

—Tem a bondade!—acquiaceu o presidente. Docemente, em voz sumida, Avelino d'Almeida deu explicações:

—Pedi a palavra para levantar as acusações daquele nosso colega contra o cinema. Sou cinéfilo de nascença... da nascença do cinema, é claro, porque eu, como os senhores veem—e passou a mão papuda sobre a calva respeitável—sou um pouco mais antigo do que essa maravilhosa invenção. Já desde Adão e Eva que

os homens e as mulheres se abraçam e beijam. Não foi o cinema que inventou esses contactos mais ou menos prolongados. O cinema limitou-se a fixá-los na película e a projectá-los no «ecran». Cumpre agora a moral catolica tirar deste ensinamento do cinema a lição, que terá de aconselhar aos seus fiéis, de que esses contactos devem ser menos duradouros, não devendo ir, talvez, além de três metros, limite que poderemos fixar para o belo casto e para além do qual tudo poderá ser considerado como licencioso.

Um murmúrio de apoiados e alguns aplausos coroaram as palavras do orador, que se sentou, dando ainda explicações para os lados.

—Tem a palavra o sr. Nobre Martins—anunciou Artur Portela.—Peço aos oradores a fineza de se cingirem ao assunto, apresentando qualquer coisa de concreto sobre o caso do nosso camarada Alfredo Neto.

O Nobre Martins deslocou até a coxa o corpo rotundo e vasto e começou a perorar, no seu estilo faceto:

—O rapazes, a mim parece-me que o caso não vale dois caracóis. Nomeia-se aqui uma comissão ou vai mesmo a mesa lá acima, ao Torel, procura lá um dos caras direitas que possa intervir no assunto e pede-lhe para pôr o rapaz a laurar. E pronto!

—Isso é uma proposta?—interrogou o presidente.

—Isto é que eu penso!—declarou Nobre Martins, tornando a sentar-se.—Chamem-lhe lá o que quizerem!...

O Artur Portela declarou que considerava as palavras do Nobre Martins como uma proposta e pô-las à admissão. Foi admitido, abrindo-se logo uma nova inscrição de oradores.

—Tem a palavra o nosso camarada Esculapio.

O Esculapio, que estava dobrado em três numa cadeira, desdobrou-se, poz-se em pé e expoz o seu modo de ver:

—No meu tempo as coisas levavam-se doutra forma. Os jornalistas nunca eram presos, senão por delitos de imprensa, mas quando eram, iam três camaradas ao juiz Veiga e pediam-lhe para pôr os presos na rua. Concorro, plenamente, com o alviere do Nobre Martins e até, para dar ao caso um ar mais boêmio, já aqui tinha começado a improvisar este memorial...

E puxando do bolso um papel, com o cabelho do antigo «Pimpão», leu:

O' senhor's lá do Torel,
Os rapazes dos jornais
Trazem-vos este papel...

—Perdão!—interrompeu o presidente Portela.—A Direcção do Sindicato acaba de me comunicar, por intermedio do nosso camarada Julião Quintinha, que Alfredo Neto foi solto agora mesmo.

Na sala passou um murmúrio de satisfação. Vozes disseram alto: «Muito bem! Vencemos!»

O presidente anunciou:

—Vamos entrar na ordem do dia!
E começou a debandada dos socios, a quem só o escandalo interessava.

O «NOTÍCIAS ILUSTRADO» ENCONTRA-SE A VENDA EM TODAS AS PRAIAS DO PAIZ.

FELICIANO SANTOS

(Continua)

EXTRAORDINARIO FENÓMENO EM ESPANHA UMA ALDEIA EM QUE TODA AGENTE TEM SEIS DEDOS

O nosso camarada de Madrid Luiz G. de Linares acaba de realizar para «Estampa»—o grande semanário madrilenho—uma sensacional reportagem.

Verificou que quasi todos os habitantes da aldeia Cervera de Buitrago teem as mãos anormaes. A maior parte dos seus habitantes tem seis dedos em cada mão. Alguns, mesmo, teem sete. A anormalidade nos dedos dos pés é mais rara.

Que fenómeno é este? A que se deverá? A' hereditariedade? O ilustre publicista espanhol Luis G. de Linares conseguiu apurar o seguinte:—que, de facto, sempre que os conjuges pertencem aos deformados



os filhos assim também nascem; e quando só um o é, nasce o primeiro filho normal e os seguintes sempre com seis ou sete dedos.

E' um caso extraordinario este que agora foi descoberto em Cervera de Buitrago, na provincia de Madrid. Sobre ele devem falar os medicos que melhor poderão explicá-lo.

O nosso colega da «Estampa» também verificou que nessa aldeia não ha mulheres jovens. Só encontrou creanças e velhos.

A mocidade termina aos 14 anos. O vento quente das planicies de Castela queima-lhes as faces e firma profundas rugas nos rostos, e como a vida que levam é miseravel também as privações ajudam a exgotar rapidamente as mais fortes constituições.

(Fotos Contreras e Velasco)

EM CIMA, A' DIREITA:—Esta mão não é uma fantasmica visão de um pesadelo; pertence simplesmente a um habitante de Cervera de Buitrago...

AO CENTRO:—Dois habitantes da aldeia de Cervera, provincia de Madrid, que apresentam nas mãos a anormalidade peculiar nessa terra.

A' DIREITA:—Uma pequenita cujos dedos anormaes estão absolutamente separados podendo-os mover independentemente.



OS MORTOS DA GRANDE GUERRA

QUAL SERÁ O MONUMENTO COM QUE FICA A CIDADE DE LAMEGO?—ESBOÇO ANALÍTICO PELO ARQUEOLOGO NOGUEIRA DE BRITO

LAMEGO terra de nobres tradições, uma das mais gloriosas da Beira, provincia portuguesa das mais portuguesas val erguer numa das suas praças um monumento consagrado aos mortos da guerra. De animo leve se não podia conjecturar o que poderia e deveria ser esse padrão levantado significativamente para perpetuar o esforço de Portugal na conflagração europeia que se dilatou durante um lustro de primeiro quartel do século XX. A responsabilidade dos artistas que concorressem á ideação desse monumento era maxima. A grandesa do feito feito bellico e a amplitude de energia que ele representa tinha que deparar com a correspondencia estetica e psiquica, por parte de quem pensasse no padrão de patriotismo, hino ás qualidades primordiais da raça, documento a atestar uma data de formidavel memoração.

A pedra que consentisse o trabalho do cinzel só se amoldaria á suavidade elegiaca de quem a trabalhasse, somente poderia suportar as mãos que o abrandassem, se porventura a consagração fosse forte na construção moral e a realisação se houvesse bem com a verdade historica e o sentido moral da obra. Deram essa prova, cingiram-se a esse alto significado os arquitetos e escultores cujas «maquettes» estão agora expostos na Calçada dos Caetanos onde funciona a Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Uma delas da autoria do escultor Ruy Gameiro e dos arquitetos Vellozo Reis e Miguel Jacobety tem o caracter etnico que distingue o tipo beirão, arcaboiço forte, hirtio altivez, energia contemplativa que são os traços dominantes da raça que simbolisou nos campos da batalha a robusta e epopeia valentia portuguesa.

No monumento do arquiteto Alvaro Machado e do escultor Julio Vaz Junior enquadra-se com propriedade a legenda achada pelos artistas «Pro-Patria». A generalisação guerreira destacada do valor local e especialidade de racismo provincial domina, aeder quem trabalhou o padrão. Nele se dilue a grandiosa, severidade que irradia do «modus» guerreiro da crueza marcante da alma da peleja e rudemente vincada no simbolismo militar da força. Finalmente a obra do escultor Paula Campos e arquiteto Pereira da Costa tem a ilumina-lo o hossana da victoria, espiralação de sonho, emanação da gloria. A figura do guerreiro na consciencia do triunfo com solida a solene construção do peito, recordando a artilharia vetusta dos nossos momentos do Passado.

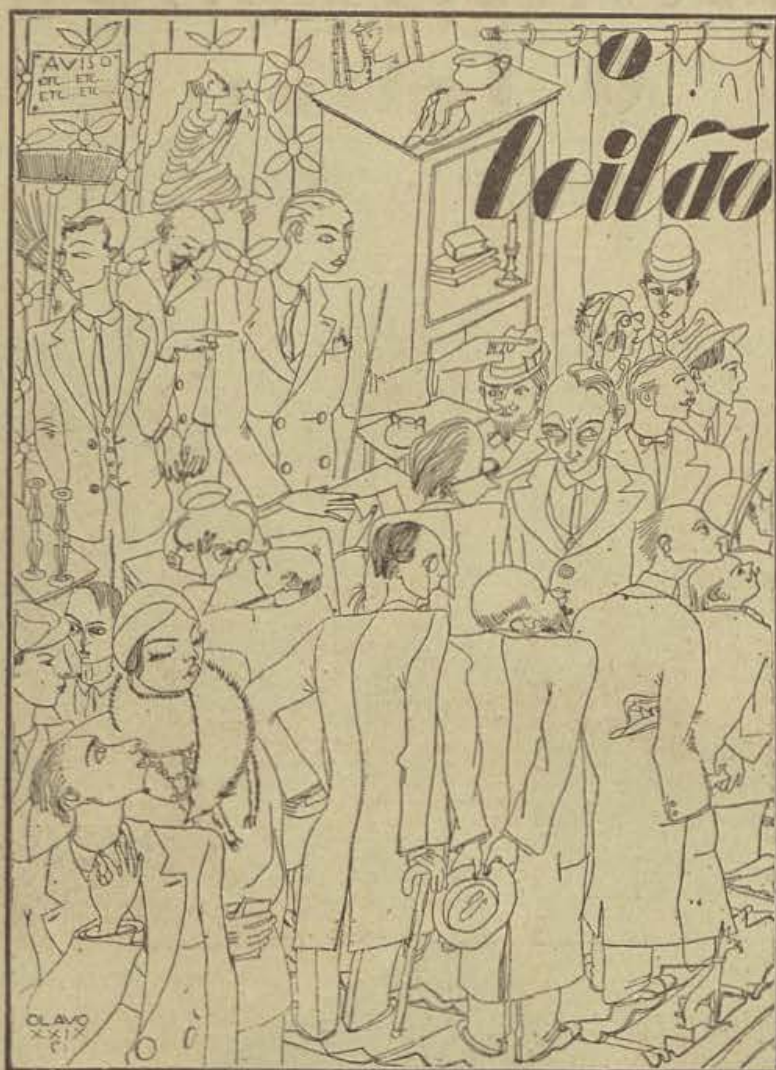
Seja qual for a decisão do júri a que não falta desde já se pode afirmar é que as trez os artistas que imaginaram e realçaram pressividade do feito historico mente e com emoção val mento para que o sol doire com ternura.

NOGUEIRA

DE BRITO

«Maquettes» dos arquitetos Vellozo Reis, Camelo e Miguel Jacobety e do escultor Ruy Roque Gameiro, cuja concepção arquitetónica, comemorativa do tipo beirão nos parece particularmente boa.

A ESQUERDA:—A maquette dos illustres artistas, escultor Julio Vaz Junior e do arquiteto Alvaro Machado. A maquette dos illustres artistas, escultor Camilo de Paula Campos e arquiteto José Ferreira da Costa.



Novela inédita de OLAVO D'EÇA LEAL

ILUSTRADA PELO AUTOR

AQUELE 3.º andar, precisamente de frente das janelas do meu «atelier» que também me serve de habitação, esteve desalugado durante muito tempo por correrem várias imbecilidades supersticiosas sobre a sua nefasta influência no destino de quem lá morasse. De todas as coisas que diziam havia uma, — talvez a única verdadeira, — que me parecia suficiente para afastar qualquer pessoa sensata: Era o caso incomodo duma família inteira — pai, mãe e duas filhas, ter lá morrido tuberculosa no espaço restrito de dois anos. Já tinha passado igual tempo sem que ninguém se atrevesse a alugar a casa onde os maus olhados circulavam, como transeuntes num passeio publico, por mais desinfecções que o senhorio mandasse fazer e por mais reduções tentadoras que a renda sofresse.

Foi por isso que fiquei muito surpreendido quando entrevi um movimento desusado através das janelas fronteiras.

Uma mulher forte fazia limpezas que pareciam uma destruição; arrancava os escritos, esfregava os sobrados e ia depois ao fundo da casa fazer coisas, para mim desconhecidas, donde voltava, cansada, refrescar um pouco a janela, para depois se embrenhar, de novo, nas profundidades vagas. Oito dias durou essa limpeza árdua e ao fim desse tempo vieram alguns homens substituir a mulher forte acabando de tornar a casa habitável, mobilando-a luxuosamente a julgar pela sumptuosidade das cortinas, stores, reposteiros e alguns moveis que eu

avistava facilmente. Assisti, por acaso á chegada dos novos vizinhos. O meu taxi modesto, avistou-se com o oito cilindros que os conduzia e os dois carros pararam ao mesmo tempo um em frente do outro.

Eu cumprimentei a rapariga que me fôra apresentada, uns seis meses atrás, num baile de carnaval onde era perseguida instantaneamente pelo mesmo rapaz que a acompanhava e respondeu ao meu cumprimento. O «ménage» era, portanto, muito recente, visto que eles se tinham namorado e casado no curto espaço de seis meses.

Pareciam ser amicissimos. Era raro o dia em que o chauffeur não transportava ao terceiro andar um grande ramo das flores que a estação produzia. O casal, desde que se instalou, foi sempre frequentado por um rapaz novo que tinha, indiscutivelmente uma grande intimidade na casa. Da minha janela eu via, com bastante clareza, o que se passava no interior das tres peças que davam para a rua. Seguiam-se da esquerda para a direita, para dizer como nos grupos fotograficos, a sala de jantar, uma pequena saleta escritorio onde estavam quasi sempre e, por ultimo, o quarto de cama mobilado com uma grande mistura de luxo, bom gosto, e frivolidade feminina. Todas estas divisões estavam ligadas entre si por portas de comunicação que, uma vez fechadas, isolavam tres palcos diferentes onde por vezes se representavam tres pantomimas, todas ellas simultaneamente visiveis para mim.

O tal rapaz tinha tanta intimidade na casa e

costumava estar, tão frequentes vezes, a conversar na saleta com a rapariga, durante a ausencia do marido, que eu vim facilmente a supô-lo irmão dela. Fui reparando, com interesse, na raridade progressiva de flores, tanto na mesa da sala de jantar como na jarra grande da saleta, o que denotava, com evidencia, qualquer mudança na maneira de proceder do dono da casa. Atribui humanamente esse facto á fadiga da lua de mel que se extinguia como se extinguem todas as luas mesmo sem ser de mel. Andaria ele desconfiado da mulher? Isso era pouco natural porque nunca a vi sair só e o unico homem que a visitava era o rapaz a que já me referi e que eu classificara definitivamente como um seu irmão mais novo. A verdade é que ele passou a vir tarde para casa! Eu costumava trabalhar ou ler até ás três horas, quatro menos um quarto e era precisamente a essa hora que o oito cilindros parava na porta fronteiria. Eu então ia á janela observar aquele regresso tardio e calcular o dificultoso trajecto do marido, ajudado pelo chauffeur desde a porta do carro até ao terceiro andar onde, depois de iluminado o quarto de cama, era facil distinguir a silhueta do ébrio, gesticulando furiosamente, com certeza numa inutil discussão com a pobre esposa, sobre a honestidade da qual deviam pesar duvidas. Lamentei de mim para mim, a infelicidade da rapariga que me parecia digna de melhor sorte, não só pela sua beleza que era grande, como pelo seu comportamento que tinha toda a apparencia de exemplar. Um acontecimento, porem, veio alterar em absoluto a ordem das minhas deducções. Vi, um dia, entrar na saleta o intimo frequentador da casa sobraçando um grande livro encadernado de vermelho; logo a seguir entrou a rapariga que lhe mostrou um papel dobrado que devia ser uma carta. O rapaz leu-a, meteu a carta entre as paginas do livro vermelho, olhou para a rapariga com uma expressão triste e abraçou-a de tal maneira que os meus olhos se tornaram fixos e senti o sangue subir-me á cabeça. Como se o meu olhar os tivesse queimado (é este um lugar comum, agora insubstituível) saltaram-se de repente e olharam para a minha janela.

Por minha vez, surpreendido pelo olhar dos dois, recuei para o fundo do quarto a proteger-me na sombra, enquanto o rapaz saltava bruscamente o store que caiu, rapido como um cutelo de guilhotina que cortasse para os meus olhos ávidos a sequencia das imagens. Fazia um calor insuportavel mas não foi a isso que eu atribui a queda do store.

No dia seguinte, através dos vidros da sala de jantar, eu vi, tão nitidamente como num écran, a refeição dos três. Estavam cabibaiços e tristes como se pensassem todos na mesma coisa melancolica. O creado servia, apagado e correcto como convem a um creado intelligente. Antes do fim do jantar e a um gesto do amigo da casa a rapariga retirou-se para a saleta onde ficou a escutar a formidavel discussão, que devia ter rompido entre os dois amigos, a julgar pela exuberancia de gestos e dureza de attitude em geral, porque as janelas fechadas, e a distancia, embora curta, impediam que o menor som de voz chegasse até mim. Num dado momento o marido, exaltado, decerto por se sentir cheio de razão e tambem pelo vinho que dera em beber (supunha eu que para esquecer a sua desgraça) esbafeteou o amigo que não reagiu, limitando-se a sair, fazendo um gesto de ameaça e batendo com a porta. O marido vendo-se sem adversario, tentou inutilmente penetrar no quarto de cama, onde a esposa se refugiara.

As luzes apagaram-se. Foi o tempo de descer a escada e, o oito cilindros que esperava em baixo, partiu.

No outro dia, logo de manhã, instalei-me no meu posto de observação disposto a não perder nada. Eu pressentia, que um grave desfecho se aproximava. De facto, não devia ser mais do que meio dia e meia hora quando vi entrar na saleta dois personagens vestidos de preto que foram cerimoniais e friamente recebidos pelo dono da casa que, dando mostras dum intenso nervosismo e impaciencia, já devia esperá-los. Mandou sentar os visitantes desconhecidos e antes de se sentar ele proprio, correu o store para evitar o sol que áquella hora, começava a bater nas suas janelas.

Nessa noite regressiei a casa ás cinco da manhã e notei, com espanto, que o oito cilindros do meu vizinho paria precisamente nesse momento, levando o proprio dono ao volante.

Como vim a certificar-me mais tarde, tratava-se dum duelo com o amigo insultado na ves-

pera e a quem o destino queria que ele fosse rapidamente, levar a morte.—Ele próprio nunca mais voltou. Enlouquecido com um tal atropelar de acontecimentos, ao regressar do local do duelo, meteu o acelerador a fundo e convenciado de que sonhava, nunca mais acordou.

As janelas fronteiras foram fechadas para sempre e eu vi, meses passados, sair um enterro modesto, sem ninguém a acompanhar. Perguntei de quem se tratava. Disseram-me que era a senhora lá de cima, coitadinha, que morrera definhada pela tuberculose e pelos desgostos. Não pedia explicação dos desgostos por me sentir, subconscientemente, envolvido naquela tragédia velada. Foi isso que me resolveu a seguir o enterro e estou certo de que fui eu a única pessoa que acompanhou a morta até ao fim da morte.

E ainda o cheiro a remedios e violetas pisadas não se extinguiu quando brilhou, na janela do meio, a bandeira vermelha dos leilões. Fui lá, com uma curiosidade triste, para constatar se todos os objectos utilizados na mise-en-scène do longo film de que eu fora unico espectador, tinham realmente consistencia ou se pertenciam á materia impalpavel dos sonhos. Estava lá bastante gente, quasi tudo visinhos. O leiloeiro ia arrematando por preços inacreditavelmente baixos, dado o caso de tudo aquilo ter pertencido a uma tuberculosa.

Eu fora lá pelos motivos que disse mas senti-me a cobrir um lote de livros, onde reconhecia o tal volume grande, encadernado de vermelho. Era uma traducção francesa da «Divina Comédia» illustrada por Gustave Doré e com um valor real muito acima do que eu pagara por todo o lote.

Em casa folheei os livros antes de arrumalos na estante e pode-se calcular a minha surpresa quando vi esta dedicatória na primeira pagina interior de todos eles: «A' sua querida irmansinha, oferece o Raul».

Dentro do livro vermelho encontrei a carta que motivara tão tristes coisas. Não tinha assinatura e era dirigida á ex-inquilina do terceiro andar, acusando o marido de sustentar uma amante que conservava do seu tempo de solteiro.

O regresso do mistério é sempre burguez e foi devido a esta casualidade que eu fiquei sabendo, como qualquer guarda portão que lê os jornais, a verdadeira verdade deste drama.

Agosto-1929

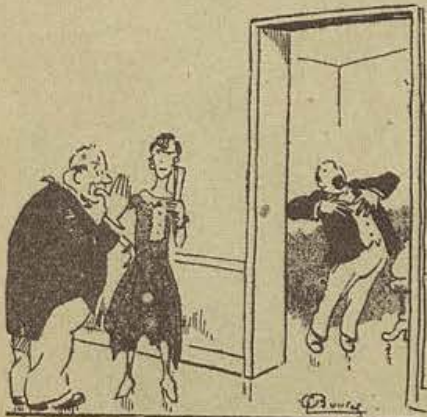
OLAVO D'EÇA LEAL

CASA DOS ARCOS

a melhor e mais
distinta alfaiataria de Lisboa

154, RUA AUGUSTA, 156
LISBOA

HUMORISMO



—Quem é o animal que está cantando?...!

—É' meu marido...

....—Eu disse «animal» porque a voz é tão maravilhosa que me lembrou um rouxinol...

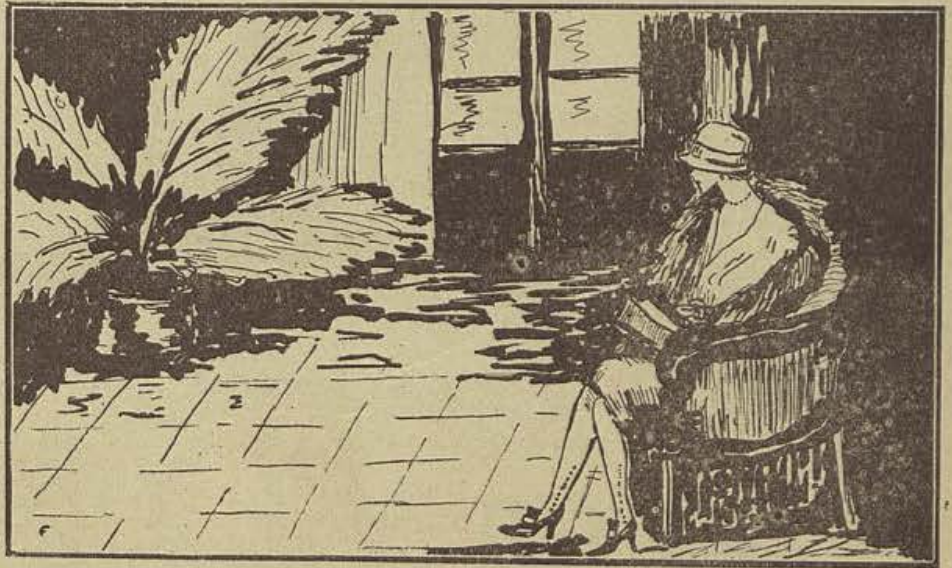
(Do «Pête-Mête»)

PROBLEMAS POLICIAIS

O leitor é Sherlock Holmes?

COMO OS GRANDES POLICIAS DESCOBREM OS CRIMES MAIS MISTERIOSOS.

QUERE O LEITOR FAZER DE «DETECTIVE»?



Como M.^{lle} Gaby esperou pelo seu cúmplice no vestíbulo do hotel

CONSELHOS E INDICAÇÕES PARA RESOLVER O 3.º PROBLEMA POLICIAL QUE PROPOMOS A ARGUMENTAÇÃO DOS NOSSOS LEITORES

O problema policial de que o leitor se vai ocupar é o 3.º de uma serie que publicamos todos os sabados julgando necessario esclarecê-lo inicialmente sobre as precauções a tomar durante a sua resolução e que sempre deve conservar bem presentes.

1.º—Não desprezar os mais insignificantes pormenores, mesmo que por vezes pareçam não interessar grandemente para o caso.

2.º—Ler com a maxima atenção a descrição da forma misteriosa como se apresenta o problema.

3.º—Atender ás perguntas que são feitas no fim.

4.º—Examinar cuidadosamente o desenho apresentado, notando bem os seus minimos detalhes.

Qualquer indicio pode, por insignificante que se julgue, constituir por si a «chave do enigma», fornecer qualquer auxilio de que depois se venha a lançar mão.

Os elementos necesarios para conseguir responder ás perguntas que formulamos existem todos nos dados dos problemas. O leitor que observe, deduza, raciocine, como um verdadeiro policia, sem pretender adivinhar e sem que nas suas deduções haja saltos bruscos. Não se considere num mau caminho sem ter gasto o tempo que a resolução do problema deve consumir.

Que não haja precipitações e que mantenha sempre presentes as conclusões parciais que for obtendo até á resolução final.

Convencidos que os nossos leitores pizeram á prova todas as suas qualidades de dedução e raciocinio para resolver o primeiro problema policial, que lhes apresentamos, cumpre-nos dar-lhes hoje a solução que a logica aconselha e que os organismos policiaes admitem.

Publicamos tambem o 3.º problema e conti-

nuaremos a serie nos numeros seguintes. Queira, pois, o leitor preparar-se para a resolução das novas questões, que lhe vamos apresentar e se as conseguir resolver satisfatoriamente, pode considerar-se com o espirito preparado para ser um verdadeiro «detective».

SOLUÇÃO DO PROBLEMA POLICIAL
«O MISTERIO DA BARRACA ABANDONADA»

1.º—As quatro chavenas colocadas sobre a mesa mostram assim como os indícios de que a seguir se faz referencia, que eram quatro os bandidos que se reuniam na barraca abandonada.

2.º—O homem que esteve sentado na cadeira do primeiro plano, á direita do leitor quando olha a gravura, era alto e tinha uma ferida ou contusão no pé direito, que apoiou na cadeira, que está em frente daquela e na qual se encontram o frasco e os pingos de tintura de iodo. Esta segunda cadeira um pouco desviada para a direita da primeira, mostra bem pela sua posição que a pessoa que se sentou na outra se serviu dela para descanso do pé!

A distancia a que se encontram as cadeiras uma da outra dá-nos a certeza que se tratava de um homem alto, tendo-lhe o seu visinho que se sentou na cadeira, que está na gravura á esquerda do leitor, tratado a ferida do pé com a tintura de iodo para o que colocou o frasco na margem da cadeira que lhe está mais proxima. Este homem devia ser fumador de cachimbo a julgar pela grande quantidade de fosforos amorfos, quasi completamente carbonizados, que havia ao lado direito e atraz da sua cadeira. Os fumadores de cachimbo preferem os fosforos amorfos evitando assim que os pingos de cera dos outros fosforos caiam para dentro do tabaco e consomem quasi toda a madeira dos fosforos para conseguirem que aquele fique bem ateado.

O homem da cadeira do fundo era canhoto, o

(Continuação na pagina 19)

UMA FORMIDAVEL GLÓRIA DO BRAZIL

QUE LISBOA VERA

ÊSTE INVERNO

DONA Helena de Magalhães Castro é uma ilustre declamadora brasileira que veio à Europa encarregada oficialmente de interpretar no Pavilhão do Brasil, da Exposição de Sevilha, durante a semana consagrada ao seu País, a poesia e a canção brasileiras.

É uma rapariga gentilíssima, encantadora, e ingénitamente brasileira desde os olhos grandes e negros até ao sotaque sugestivo e gracioso. Tem uma figura gracil, miúda, atraente.

De mais, Dona Helena de Magalhães Castro é uma rapariga inteligente e, ilustrada, e uma artista subtil, sensivelmente artista como desde logo o «reporter» percebe ao trocar as primeiras impressões com a declamadora.

Na sua voz cariciosa, a gentilíssima brasileira refere-nos as razões da sua vinda à Europa e o seu conhecimento de Portugal através dos nossos poetas e as nossas cantigas.

Admira Augusto Gil, «tão português» — diz-nos —, Julio Dantas, que é um grande, eminente artista, os versos apaixonados de Virginia Vitorino, D. Branca de Gonta Colaço, o Conde de Monsaraz, Antonio Nobre e outros poetas de Portugal.

A declamadora gentil que ouviu cantar em San Paulo aos estudantes de Coimbra o fado, e já o conhecia através o poeta seu compatriota Afonso Lopes de Almeida.

Vai descendo a serenata,
gême a guitarra plangente,
Ai, a saudade não mata
Mas faz chorar muita gente.

pretende interpreta-lo ouvindo-o no ambiente local.

De resto, ela no-lo diz — quer pagar a visita dos academicos coimbrãos à sua terra, San Paulo.

San Paulo, o Brasil!... E a conversa desliza sobre a emotividade desse povo poeta dalem Atlantico.

A subtil artista refere-nos os seus poetas, os autores que interpreta: Olegario Mariano, Guilherme de Almeida, Martins Fortes, Manuel Bandeira, Augusto Mayer, Maria Eugénia Celso, Ciro Costa, Afonso Lopes de Almeida, Menotti del Picchia, Ilka Machado, Ronald de Carvalho, Ascenso Ferreira... toda a geração moderna da exuberante poesia brasileira.

Martins Fortes serve de traço de conhecimentos da declamadora e do jornalista. Dona Helena conhece-o pessoalmente. Cita-nos versos seus. A conversa incide sob o curioso poeta que é também um grande prosador, com uma expressão verbal e um poder de côr

(Continuação na pag. 19)



STAND, da
Companhia Hortícola
Agrícola Portuense, Lda;
Quinta das Virtudes, Porto, na Expo-
sição Industrial, Pecunária e Agrícola de Sin-
tra, onde milhares e milhares de pessoas desfilaram
admirando exemplares preciosos de variados frutos, colhi-
dos nas áreas deste horto, tratadas com adubos especiais de que for-
mam a formula. Obteve o diploma de honra.

AFRUTA

NA EXPOSIÇÃO DE
SINTRA

Nos lares dos artistas novos

JORGE BARRADAS



O pintor Jorge Barradas—um dos valores firmes da nova geração—num recanto do seu «atelier» onde o bom gosto domina.



O último trabalho do artista:—O cartaz para o filme-documentário «Lisboa».

Jorge Barradas é um artista cujo nome já se escuta e para cujos trabalhos o público já olha com apreço. Desde muito moço que mostrou as suas tendências modernistas e foi no desenho humorístico um verdadeiro «az» cheio de inteligência e subtilidade. A sua colaboração no «Riso da Victoria» é uma afirmação do seu alto valor e do seu jocoso espírito crítico.

Depois, no campo da pintura, também Jorge Barradas tem dado provas de ser um grande decorador. Nos painéis do café «A Brasileira» e agora, mais recentemente nas decorações do Salão de Festas do Pavilhão Português na Exposição de Sevilha patenteou firmemente o seu talento de «colorista» interessantemente bizarro.

Jorge Barradas vai agora a Espinho a convite do Casino d'Praia, expor cincoenta dos seus últimos trabalhos.

Desde aqui lhe auguramos o grande êxito que é a justiça ao seu autêntico valor.

(Fotos Ferreira da Cunha)



Um dos quadros que Jorge Barradas vai expor em Espinho.



ECOS DOS FESTEJOS EM SINTRA

«A' ESQUERDA»:—O distinto actor Alfredo Ruas representando no teatro ao ar livre

«A' DIREITA»:—S. Excelencia, o senhor Presidente da Republica acompanhado de altas individualidades após a inauguração da Exposição Agrícola, Pecuária e Industrial.

(Fotos Ferreira da Cunha).



FESTAS DESPORTIVAS NA CURIA

UM TRIUNFO DO C. P. S. C.



Bessone Bastos e M.elle Maria Inacio, vencedores da Ginkana prestando a prova do jogo da bola.



Um grupo de elegantes senhoras que, mascaradas obtiveram prémios no jantar à americana.

REALISOU-SE nos jardins do Palace, Hotel organizada pelo Curia Palace Sports Club, uma ginkana de automoveis. Com grande concorrência de carros e de assistência resultou brilhantissima esta prova de pericia do volante.

Os vencedores srs. Bessone Bastos e mlle. Maria Inacio e A. Rodrigues de Sousa e mlle. Meneses Alves, foram largamente aplaudidos, sendo os seus percursos feitos sem faltas.

Domingo teve lugar o torneio de tennis para a disputa do valioso bronze Luso-Curia.

A equipe do «Curia Palace Sports Club» composta pelo srs. Vasco Horta e Costa, D. Manuel de Castro, Manuel Fonseca, J. Malhou e Botelho, obteve uma brilhante victoria sobre a do Luso constituída pelos srs. Navarro (pai e filho) e Henrique Anjos (pai e filho). No jantar à americana foram distribuidos os premios da ginkana, tendo o baile durado até de madrugada.

Para o dia 16 está annunciada a benção dos automoveis e uma outra ginkana.

O Jury da Ginkana formado pelos srs. Sebastião Teles, Dr. Guilherme Moreira, e Santos J.º (Presidente).



FIGURAS
DO
NOSSO
TEATRO

A ACTRIZ MARIA LAGÔA

A actriz Maria Lagôa que fez ultimamente parte da Companhia do Teatro Nacional é uma das figuras mais insinuantes do nosso teatro declamado.

Inteligente, culta e elegante, a sua figura airosa anima gracilmente os papeis que tem desempenhado com a competencia do seu talento e com a probidade de artista que ao teatro tem dado todo o seu esforço.

(Foto Mario Novaes)



SPORT

AS

praças que se estendem desde o Estoril a Cascais e todos os pontos que as dominem serão hoje pequeno espaço para comportarem os muitos milhares de pessoas que hão-de ali afluír, a presenciar as emocionantes corridas de hidro-aviões e de barcos automoveis, as lindas e galhardas regatas de vela, as esforçadas e herculeas competições entre os melhores remadores de Portugal, as provas de natação entre os mais afamados especialistas do nosso amadorismo.

O Club Nautico de Portugal tem nesta organização a sua verdadeira coroa de gloria, não só, pela grandiosidade do programa como porque a afluência de tantos e tão grandes valores se deve incontestavelmente ao prestigio que o Club Nautico tem conquistado pela sua actividade sempre crescente, sempre bem orientada, sempre rematada pelos melhores triunfos.

Carlos Bleck, o grande desportista nautico, o generoso protector de todos os desportos em Portugal é um dos nomes que se impõem dentro do Club Nautico, feliz de o ter como seu comodoro. Mario de Noronha, presidente da direcção e infatigavel trabalhador foi o autor do grande programa de hoje.

Brilhantemente secundado por outros preciosos elementos de trabalho, tem-lhe sido possível guindar o Club Nautico a uma situação de destaque enorme e ao mesmo tempo conseguir o que ha tres anos atraz parecia já tarefa impossivel: o resurgimento do desporto nautico em Portugal.

No programa ha corridas de hidro-aviões da Armada, entre pilotos designados pelo sr. Ministro da Marinha; ha regatas de barco motores, da nova secção creada pelo Club Nautico, os quais disputarão a Taça do Automovel Club de Portugal; ha regatas de vela, em que reaparecem os center-boards, correm as monotipos do C. N. P., com mais quatro barcos novos, construidos no mez passado; ha uma interessante corrida de «coquettes» e outras belas e classicas largadas, em numero que deve ser superior a quinze; ha corridas de remo entre amadores, contando-se com representações de quasi todos os clubs portuguezes, entre os quais os campeões de Portugal, os remadores do Gimnasio Club Figueirense; está certa a inscrição nas corridas de vela do brilhante yachtsman alemão Fritz Marting, que vem expressamente a Portugal, enviado pela federação alemã da vela; ha corridas de natação em todos os estilos, distancias e especialidades; ha corridas de remo e de vela entre tripulações da Armada; disputam-se magnificas taças, como as do sr. Presidente da Republica, Comissão de Iniciativas da Costa do Sol, Camara de Cascais, casas Freitas & Gameiro e Diniz M. d'Almeida etc.; e queima-se á noite, como remate de festa, um surpreendente fogo de artificio.

A Intendencia Municipal de Buenos Aires tomou ha tempos uma iniciativa interessantissima e que, com grande proveito publico, poderia ser instalada entre nós. Creou, em todos os parques municipais, cursos publicos e gratuitos de ginastica, que desde logo obtiveram belo acolhimento, larga frequencia e numerosa assistencia.

Desta maneira, os parques publicos ascendem de categoria e de prestimo, adquirindo uma função de utilidade que lhes é, de resto, bem adequada, pelo aproveitamento das suas condições de tonificação pulmonar.

Ao mesmo temo, o funcionamento destes cursos constitui agradável espectáculo, que, por sua vez, resulta optimo meio de propaganda.



O distincto sportman Carlos Bleck—o grande animador dos sports nauticos, comodoro do Club Nautico de Portugal, organisador das festas de hoje em Cascais.



«Camelia» 6 metros internacional de corrida que tomará parte nas regatas de hoje.—(Foto V. Rodrigues).



Mario Noronha, presidente do Club Nautico de Portugal.

MARIO SANTANA

AREIA

SAÚDE

AGUA

SOL

PRAIA DAS MAÇÃS

FE
LICI
DADE!

AMOR



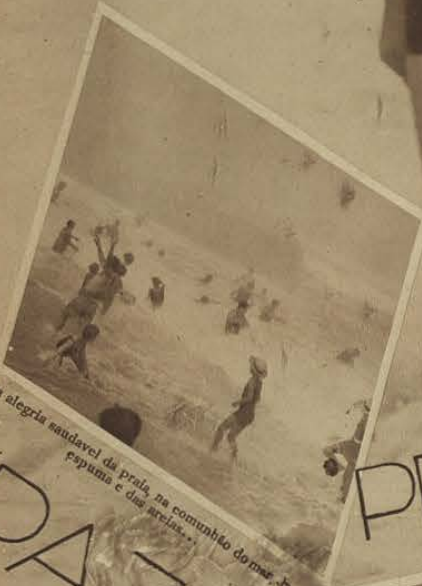
Moços que olham para o mar sem fim...



Sob os afrosos toldos costuram-se e lê-se o «Diário de Notícias».



Nas férias do verão na linda Praia das Maças, re-temperam-se os nervos com os raios salutares do sol doirado.



Na alegria saudável da praia, na comunhão do mar, do espuma e das areias...



Um grupo de garrafas creanças a caminho do banho...



Hollywood em miniatura... na Praia das Maças...



O filhito do nosso camarada Torres de Carvalho «manduca» o seu pequeno almoço... (Fotos F. da Cunha)



Uma «cena» de filmagem?... Não, simplesmente uma «cena» de «flirt» e um «apoio»...



Robinson Crusoe pequenino...



O Stand da Escola Industrial Domingos Sequeira do qual é director o grande artista cinzelador Narciso Costa.

LEIRIA, cidade lendária e histórica, berço de poetas—terra do milagre das rosas e do Rei Poeta e Lavrador,—centro de cultura artística moderno, acaba de realizar uma interessantíssima exposição—certame preparatório da próxima futura Exposição Regional.

Meteram ombros à essa tarefa, a todos os títulos simpática, os novos—a gente moça, culta, inteligente, o escol de artistas leirienses, realizando um certame, de facto, notável.

Caldas da Rainha, Alcobaça e Obidos e outros concelhos concorreram, sendo assim a Exposição



Um trecho da Exposição de Belas Artes na qual se veem trabalhos de Lino Antonio, Antonio Varela, Narciso Costa, etc.



As olarias de Alcobaça têm uma justa fama. No «stand» da Exposição de Leiria marcam pela sua beleza e requintado gosto.

um mostruário eloquente do valor e da actividade de Leiria, sob todas as espécies—agrícola, pecuária, industrial e artística.

Luiz Lopes, Filipe Leitão, Ernesto Korrodi, Narciso Costa, Lino Antonio, Luiz Fernandes, Antonio Varela, Fernando Santa Rita, artistas de temperamentos e escolas diversas, expõem trabalhos. E' a nota de belas artes do certame—porque a nota artística anda por toda ela, desde o mais pequeno pormenor, à disposição, aos «stands», ao conjunto admirável.

A. B.

(Fotos Armando Boaventura)

A FEIRA-EXPOSIÇÃO DE VILA DO CONDE



Um aspecto da Feira-Exposição em Vila do Conde.



Doas rendeiras trabalhando os seus bilsos.

Um artístico trabalho em renda de bilsos com o retrato do prof. Elias de Aguiar.



—VILA do Conde—terra de que teve senhoria e posse a celebre «Ribeirinha» (D. Maria Paes Ribeira)—festejou este ano, mais uma festa, a sua Senhora do Carmo. Festas tradicionais, populares, que lhe trouxeram grande afluência de festeleros. Com as festas coincidiu a inauguração da primeira Feira-Exposição promovida pela Camara Municipal e Sindicato Agrícola.

Foram cinco dias de alegria e movimento, em que as lindas e elegantes rendilheiras, dos dois «ranchos»—da Praça e do Monte—cantaram e bailaram ao desafio.

O grande exito da Exposição foi, indubitavelmente, o mostruario da industria de rendas—industria típica que progride. O «Noticias Ilustrado» dá hoje alguns aspectos graficos das festas.

A gente moça do Monte
Vive junto do mar
E tem por seu horisonte
A espuma branca do mar.

Vila do Conde, canteiro
De feiticeiros amores,
E' o Ave o jardineiro
As rendilheiras as flores!



O interessante grupo de cantadores e cantadeiras que usz a típica denominação do «Rancho da Praça».



ACTUALIDADES GRAFICAS

S. MARTINHO DO PORTO

Uma grande caçada

ABERTURA DAS CODORNIZES

JORGE Ottolini e Mario Costa mataram respectivamente: o primeiro 46 e o segundo 36 codornizes, o que corresponde ao total de 82 peças abatidas por 2 caçadores, batendo, assim, o «record» deste ano.

NA CAÇADA DE S. MARTINHO DO PORTO

Os distintos «sportmen» Jorge Ottolini e Mario Costa, às 11 horas da manhã, já com respectivamente, trinta e uma e vinte e seis codornizes abatidas.



OS NOSSOS COLABORADORES

BOTELHO — o impagável lapis, tão conhecido pela síntese dos seus desenhos, nosso querido colaborador, cujo talento tem dado brilho às nossas páginas.

OS COLABORADORES «EXPONTANEOS»



Após o jantar...



O jantar ao ar livre.



Não use depilatorios nocivos e irritantes. Usal sempre VEET que é um creme perfumado o qual é usado em todo o mundo e é universalmente aprovado tanto pelas artistas como por todas as senhoras que pretendam aformosear a sua pele. O VEET é o depilatorio por excelencia porque não só tira o cabelo superficialmente mas dissolve os pelos por baixo da pele.

A' VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS DE TOILETTE

Preço 10\$00 pelo correio 11\$00

DEPOSITARIO

RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 2.º-E.

VEET

E' difícil organizar um jornal ilustrado. Mas ha intervalos de facilidade. Certos bons leitores tornam-se colaboradores com uma espontaneidade efusiva. Um exemplo, flagrante-a carta que segue e as fotografias que seguem, regista, ela e ela, de um instincto de reportagem que, no seu genero, é exacto e só desse genero.

Lisboa, 29-8-929

Desde há muitas semanas vinha recebendo um convite para visitar uma familia muitissimo amiga, residente nesta cidade, mas, actualmente de repouso por uns meses na encantadora região de «Sintra». Atormentado pelos pedidos constantes da minha visita, resolvi ir. Um dia encantador. Um só matráz e levei então uma maquina fotografica. A minha chegada constituiu naquella gente uma manifestação de gratidão, talvez mais, ainda pela lembrança.

Não conhecia as «Mercês», quando ouvia falar. Esperava sempre em vir a conhecer. A dois passos de Lisboa, uma viagem muitissimo economica e afinal um passeio maravilhoso. Confesso l...—Cheguei ao alto, um pouco cansado, mas olho para a rectaguarda e só com a alegria do horizonte que me ia cercando as minhas pernas subiam como que se viajando no «elevador da Gloria» ou «Santa Justa».

—Sem sequer escolher uma luz que me proporcionasse a fotografia, tirei um «cliché» á linda vista que põe a descoberto toda a «região de Cintra». —Em oportunidade tirei depois uns trechos muito interessantes: (Um comboio numa das suas passagens na estação das Mercês; a fonte nas Mercês um aspecto do jantar ao ar livre; o grupo depois de jantar, e a casa de habitação da dita familia. Uma casa modestissima mas mais saudavel do que um bom Palácio situado no centro duma cidade. Não iria portanto pôr de parte um ponto tão pitoresco, para quem, quer estimar a saúde. Tirei com o maximo gosto estes clichés, confiante que, em breve os veja publicados no meu sempre companheiro de viagem «Noticias Ilustrado». Sem outro assunto de momento subcrevo-me honorificamente reconhecido (Caminho do Outeiro, J. P. à Buraca).

JOSE CARVALHO DOS SANTOS

na maravilhosa ilha da Madeira



atiram os ares. Todos dizem, em palavras e gestos serem os seus bordados os melhores, os seus frutos os mais lindos e saborosos e as suas bugigangas as de mais alta novidade. As duas gravuras que damos à estampa dão bem a impressão do labor desses trabalhadores na ancia do seu comércio.



QUANDO os navios chegam à linda Ilha da Madeira logo são rodeados por centenas de barquinhos ligeiros que, num cardume, ostentam os artigos da região. Os pregões dos vendedores

580 CRIANÇAS POBRES NA CRUZ QUEBRADA



Sobre a areia morena da praia da Cruz Quebrada as crianças levadas a banhos pelas juntas de freguesia formam, nos folguedos, os mais caprichosos desenhos.

O Sol — o deus Hélios — é, para todos nós, a maior, a mais alegre da vida! Desde as mais longínquas religiões que o luminoso astro é adorado. A sua aparição diária, afugentando as trevas é o símbolo claro da vida, a eterna esperança de outro dia, de mais luz e de mais calor. Agente único do eterno surge-nos sempre com a gargalhada limpa do seu riso doirado. Hoje, a ciência moderna já aproveita o fluido dos seus raios para aumentar a saúde. Então junto ao mar, o seu efeito é formidável! Parece que ondas de novas forças penetram o sangue e o vivificam. Uma outra seiva percorre as veias e, em comunhão com o ar iodado das praias enche de alegria as almas que o aproveitam.

A nossa gravura representa um grupo de crianças que na Cruz Quebrada recebem, diariamente, o bafo doirado do purificador Hélios da antiguidade, esse magnífico e imponente sol que, em Portugal tem o grito vermelho da saúde entornada a jorros!...

ECOS, NOTICIAS E CURIOSIDADES

Cabelos brancos

SÃO relativamente frequentes os casos de descoloração precoce e rápida dos cabelos.

Um dos casos mais célebres é o dum revoltoso que, tendo sido preso com as armas na mão, ficou com o cabelo branco durante o interrogatório a que foi submetido e apoz o qual foi condenado a sofrer a pena capital. Também é muito conhecido o que aconteceu a um operário de York que caiu dum andaime muito alto: durante a queda, conseguiu agarrar-se a uma goiteira, dando tempo a que lhe prestassem socorro; mas, quando foi salvo tinha o cabelo todo branco.

Este curioso efeito das comoções muito violentas não é exclusivo do homem, segundo parece. No número antigo da revista francesa «Progrès médical», conta-se o seguinte: um melro foi surpreendido por um gato, que penetrou na sua gaiola; conseguiu-se socorrê-lo a tempo, mas as suas penas começaram a cair, para, no dia seguinte, tornarem a aparecer, mas completamente brancas.

Frotas mercantes

OS dois países cuja actividade na construção de navios tem progredido mais, são a Rússia e os Estados Unidos. Este último país tem feito, nestes últimos anos, um enorme esforço para desenvolver a sua marinha mercante, que não está em proporção com o lugar que, sob o ponto de vista económico e social, os Estados Unidos ocupam no mundo. Mas, na Rússia, a construção marítima é ainda mais activa. No decurso do segundo trimestre deste ano, a Rússia construiu uma grande quantidade de barcos, representando 124.908 toneladas.

Os Estados Unidos construíram navios no total de 119.098 toneladas. Os países de maior marinha mercante são, por ordem decrescente, a Inglaterra (com 1.453.930 toneladas), a Alemanha, o Japão, a Holanda, a França, a Rússia, os Estados Unidos, a Suécia, a Itália e a Dinamarca.

Uma «beldade» do século XIV

PARECE que as mulheres excessivamente feias são tão raras, ou mais, do que as excessivamente belas. Há duas feias que, actualmente, exploram a sua fealdade, procurando tirar dela o melhor partido. São elas a actriz parisiense Polaire, com a sua enorme boca e os seus olhos microscópicos, e Mrs. Mary Ann Bevan, que se gaba de ser, presentemente, a mulher mais feia de Londres, exibindo, como um trofeu de glória, uns olhos também pequen-

pida, de quem quer que fosse que a incomodasse. O seu retrato, feito pelo célebre pintor holandês Metsus—retrato nada favorecido, por sinal—foi comprado por um americano pela quantia de dois milhões de francos, ou seja, mil e seiscentos contos, aproximadamente.

Chocadeira natural

UNS exploradores suecos foram recentemente à ilha Bogoslof, situada ao meio do estreito de Behring. Chegadas aí, lembraram-se de descer à cratera dum vulcão que fica ao centro da ilha. Qual não foi a sua surpresa ao descobri-



rem aí alguns milhares de ovos! Tratava-se, muito simplesmente, de ovos das aves aquáticas que abundam nessas paragens e que rapidamente se aperceberam de que a temperatura da cratera é sempre alta e, portanto, favorável ao chocar dos ovos.

O centenário dos fósforos

FAZ agora cem anos que foram inventados os fósforos. Foi seu inventor um rapaz de quinze anos, o francês Charles-Marc Sauria, de



Poligny, no Jura. Sauria teve a ideia de cobrir de fósforo uma parede, sobre a qual esfregou uns bocadinhos de madeira mergulhados em

enxofre e clorato de potassa. O fogo saltou, ao contacto entre o fósforo e o enxofre. Estava descoberto o princípio dos fósforos. O rapazito era pobre e só encontrou incentivos de ordem moral e não de ordem material. O seu professor de ciências gabou, contudo, o seu invento, e gabou-o tão bem que a Alemanha se utilizou dele, não chegando a tirar a patente dele o jovem Sauria que, depois de ter tirado o curso de médico, viveu e morreu, pobre e ignorado, numa terra da província.

O nome dos meses

É a origem dos nomes dos meses:

Janeiro, deriva do Deus Jano, o qual era representado com duas caras, uma olhando o ano que acaba e outra o que principia.

Fevereiro (de «februaire», que significa purificar), por ser o mês durante o qual se celebram os sacrifícios expiatórios.

Março, do nome do Deus Marte.

Abri, de «aperire» (abrir), por ser a época em que a terra se abre para produzir os seus frutos.

Maio, que vem de «maiores», nome dos senadores romanos, que neste mês do ano começavam as sessões.

Junho, do nome da Deusa Juno, filha de Cronos (Saturno) e de Gea (a Terra) e esposa de Júpiter.

Julho, do nome de Julio Cesar.

Agosto, do nome de Cesar Augusto.

Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, querem dizer, respectivamente, sétimo, oitavo, nono e décimo, números de ordem que lhes correspondiam no calendário romano, o qual, antes de Numa Pompilio, começava em Março e só se compunha de dez meses.

Curiosidades

O cheiro das cebolas é um grande narcótico, pelo ópio que contem; facilmente se resiste dez minutos ao cheiro duma cebola sem adormecer.

Podem conservar-se os ovos frescos, durante muito tempo, besuntando a casca com azeite e glicerina.

As moscas fogem das cosinhas regando o chão destas com água em que previamente se ferveram algumas cebolas.

O vinagre forte converte-se em doce deitando no recipiente que o contem uma maçã sem casca e sal, e deixando-a aí ficar durante toda uma noite.

Os objectos de ouro e de prata que são adorno e orgulho do castelo de Windsor (Inglaterra) estão avaliados em 60 milhões de pesetas, ou seja, duzentos e dez mil contos.

Calcula-se que nos oceanos existem umas cem mil ilhas, entre grandes e pequenas.



níssimos, um nariz monumental e um queixo sem fim... Um circo dos Estados Unidos já mesmo a contractou como fenómeno de fealdade.

Mas nem uma nem outra bateram o «récord» da fealdade que, desde o século XIV, pertence a Margarida, condessa do Tyrol, morta em 1369, a qual passa por ser a mulher mais feia que já mais existiu. No entanto, Margarida teve vários maridos, entre os quais se conta o filho dum imperador. Foi designada pelo nome de «a duquesa feia», fez sempre tudo quanto lhe agradou, desembaraçando-se, por uma forma radical e rá-

AGESSORIOS PARA AUTOMOVEIS
Grande e variada existencia
 SEMPRE AS MELHORES
 CONDIÇÕES PARA
Vendas a retalho
Officinas e
Garages
 CONSULTEM SEMPRE A MAIS
 ANTIGA CASA ESPECIALISADA
 NESTE RAMO
AUTOMOBILISTA L. DA
RUA ALVES CORREIA, 160
TELEFONE N. 4218



Um cálculo científico permite supor que no universo há cerca de dezoito milhões de cometas.

Não há no mundo nenhum exército que exceda o exército chinês em bandeiras. Tem uma bandeira por cada oito soldados.

Quando a celeberrima Universidade de Salamanca estava no seu momento de maior apogeu e constituía o mais brilhante florão da ciência espanhola cursavam as suas aulas uns oito mil estudantes.

O leitor é Sherlock Holmes?

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

que é indicado pela posição da chave com a aza voltada para a esquerda.

O homem que se sentou no caixote, tamborilando com o calçado numa das faces deste e produzindo-lhe as mossa da madeira mole, era extremamente baixo ou pelo menos tinha as pernas excepcionalmente curtas como se vê pela distância das mossa da base do caixote, não podendo ser nem uma criança nem uma mulher o que é atestado pela ponta de charute «cortado» que se encontra próximo da sua chave.

3.º PROBLEMA POLICIAL

Um caso de espionagem francesa durante a grande guerra

No decorrer da conflagração mundial muitas pessoas engenhosas inventaram formas originais de comunicações secretas, dedicando-se também a decifrar os códigos e cifrantes usados na transmissão de notícias entre os inimigos.

Passou-se na Suíça um episódio, que mostra bem a habilidade e subtilidade usada pelos agentes secretos da contra-espionagem francesa, para neutralizarem os efeitos dos espões a soldo dos alemães.

Opunha-se à espionagem a contra-espionagem e Mlle Gaby estava encarregada desta missão na Suíça por conta da França. Tanto em Berne como em Zurich ou em Genebra todos a consideravam como sendo de nacionalidade suíça pelo que conseguiu obter a confiança dos espões alemães, que procuravam utilizá-la no seu serviço contra os franceses. Assim se lhe deparou uma situação muito favorável à missão que tinha a cumprir. Aceitou, pois, a oferta com grande satisfação dos seus superiores franceses. As informações que lhes passou a fornecer, tornaram-se preciosas para estes devido à grande importância das comunicações, por conhecer muitos segredos dos alemães, convencidos como estavam de que os servia lealmente.

Em certa ocasião a direcção da contra-espionagem francesa foi alarmada pela notícia dada a informações de origem belga de que qualquer dos seus agentes, que presumia de confiança a estava atraindo, por ser simultaneamente espião da Alemanha, quere dizer que a sua acção era duplice e a ludibriava da mesma maneira que Mlle Gaby atraía a espionagem alemã. Era, pois, grande a ansiedade entre os agentes franceses pela descoberta do traidor e pela sua prisão imediata, evitando prejuízos maiores do que aqueles que já tinha havido.

Os franceses informaram occultamente Mlle Gaby da situação, ordenando-lhe que obtivesse o mais depressa possível a informação desejada mas tomando as melhores precauções para se não desmascarar aos olhos dos alemães, que espionavam na Suíça e com quem estava diariamente em contacto.

Por um exame secreto feito aos documentos dos arquivos oficiais dos seus superiores alemães Mlle Gaby conseguiu saber, uma hora antes da que lhe fora marcada para a sua saída de Berne, em comissão de espionagem alemã, a identidade do espião-traidor. Tendo, pois, conseguido obter relativamente depressa a informação precisa, por forma a que os franceses pudessem prendê-lo tornava-se-lhe agora necessário utilizar o limitadíssimo tempo de que dispunha, para a transmissão da nova porque, passada aquela hora, sempre estava acompanhada pelos alemães.

A utilização do telegrafo tornava-se-lhe impossível por as suas estações estarem transformadas em verdadeiros vespereiros de agentes da espionagem dos varios países e se, como era natural, qualquer decifrasse a sua mensagem, podia comprometer-se gravemente. Escrever pelo correio era demasiado moroso para a urgência que tinha. Havia uma única forma:

Mlle Gaby marcara felizmente um encontro no vestibulo do hotel com um dos seus cúmplices franceses, que estava em Berne, para que ele lhe transmitisse qualquer informação

importante, que porventura chegasse ao seu conhecimento antes de partir.

Mlle Gaby sabia que era, assim como as suas visitas, vigiada constantemente pelo que combinara com o cúmplice sentar-se perto dele no vestibulo do hotel, sem que houvesse entre os dois a menor troca de palavras ou gestos, que os poderiam denunciar.

Em resumo e para fixar ideias, Mlle Gaby estava assoberbada com o difícil problema de transmitir a citada informação que não era mais, que uma curta mensagem ao cúmplice, que se podia aproximar dela, examinando-a detalhadamente, dos pés à cabeça, mas sem lhe falar ou fazer qualquer sinal que, por pequeno que fosse, podesse levantar suspeitas aos inúmeros espões alemães que pululavam constantemente por todos os recantos do hotel.

Apesar de todas estas dificuldades que teve que vencer Mlle Gaby comunicou ao espião francês a identidade do traidor sem despertar a atenção de qualquer pessoa, de forma que ele foi preso dez horas depois.

Como o conseguiu fazer?

O esboço junto mostra a forma como a espia esteve sentada no referido salão do hotel, onde permaneceu só cinco minutos lendo um livro que nunca abandonou.

O cúmplice que se sentou perto dela, conseguiu obter a informação sem troca de palavras ou sinais e como Mlle Gaby, não levantou também suspeita alguma.

Como responde o leitor, candidato a polícia amador, depois de examinar o problema e a gravura as seguintes perguntas?

1.ª—De que forma comunicou Mlle Gaby com o cúmplice?

2.ª—Qual era o texto da mensagem?

NOTA:—Na solução do problema o «assassinio do Patacas» o período: «O homem desconhecido» que pertencia a um grupo de bandidos rival e capitão-ado pelo «Bíode de latão» teve conhecimento do plano deste e o local e dia em que o devia pôr em pratica deve ler-se: «O homem desconhecido que pertencia a um grupo de bandidos rival do capitaneado pelo «Bíode de latão» teve conhecimento do plano deste, do local e dia em que o devia pôr em pratica».

L. FIGUEIREDO

Escreva a sua solução depois de ter feito o estudo cuidadoso do problema e enderece-a a L. Figueiredo para a redacção do «Noticias Ilustrado» Rua D. Pedro V, 18—Lisboa.

CLASSIFICAÇÕES DO 1.º PROBLEMA

Valores de 0 a 20

Eugenio Maria, «Policia Amador»—Paredes—5—Alfredo Felix, Páco d'Arcoz—5—John C. Rafter, Lisboa—10—Parradas, Lisboa—13—Norais Catneiro, Viana do Castelo—4—Raul Montalvão, Faro—10—G. M., Lisboa—0—Abel Campos Navarro, Porto—3—Alfredo Barroa de Brito, Ameirim—16—Jap—Não apresentou solução—X—Lisboa—3—Augusto Simões d'Oliveira, Bom Sucesso—10—Marquesa de Valverde, Lisboa—3—Lince—1—João Faro, Queluz—2—Telhado, Paredes—1—Fausto Augusto Oliveira, Anadia—2—Bill Route, Lisboa—3—Tello—10—Fernando Ernesto Sampaio Ribeiro, Lisboa—3—Palma, Lisboa—17—Angelo Renato Pezza, Lisboa—14—Joaquim Gavião Vasconcelos, Golega—4—Sherlock Holmes II, Lisboa—0—Vauraufo, Porto—15—A. B., Porto—8—Armando Monteiro, Lisboa—13—Zenith, Lisboa—12—Elisário Antonio Roque, Vendas Novas—4—Francisco Xavier de Lino, Coimbra—3—Gil, Lafrel, P. A., Lisboa—5—Fernando Costa Raddof, Lisboa—18—João Espada de Sousa, Montemor-o-Novo—15—Agência da Detective, Sousa e Sociedade—3—7, Alcobaca—11—Ventelax, Lisboa—7—Artur Fox (Lince)—10—Tec X, Lisboa—18—José Azeiteiro, Aveiro—14.

Noticias Ilustrado

NUMEROS ATRASADOS

COMPRAM-SE os n.ºs da 2.ª serie, 1—2—3—7—9—10 e 11. Resposta a Aguiar Cardoso—Vila Franca do Campo—S. Miguel—Açores.

Uma formidável gloria do Brazil que Lisboa verá este inverno.

Continuação da pagina 8

admiráveis, e o seu livro «A dança» perpassa: «A sinfonia primaveril em cor de rosa maior» que é a tarantela, a dança da flor da Itália, o «madrigal azul de flores, velho tom», o minuet, «a mais fina e linda dança» no dizer do autor, a «opera ultra escaletas» em que sintetisa a Espanha nas suas danças impetuosas e exaltadas, a «Balada branca» do lirico Portugal com sua ingenua coreografia, a «Sonata Verde» que interpreta a dança desse Brasil imenso e verdejante, no Cruzeiro do Sul, na Amazonia, no Alto Juruá, na «verde floresta immanente», onde se canta a quadra popular:

—A folha da bananeira
de comprida amarelou,
a boca do meu benzinho
de tão doce açucarou.

D. Helena de Magalhães Castro fala-nos doutros poetas e cita-nos versos (na recita e anima —porque ela no dizer sugestivo de Carlos Villamar «é uma animadora de versos»: A «Ventura».—Quanto padece a gente neste mundo, para alcançar aquilo que deseja,—«O monumento do amor».—O relógio de mogno, antigo, grave, enorme. Parou... E agora, imóvel mas radiante, vive marcando com saudade o instante desse beijo, aquele instante que ficou sendo uma serena eternidade,—«Amor e fumaça—Amor chama, e depois fumaça... Medita no que vais fazer... O fumo vem, a chama passa...», —ou a «Exportação», de Cassiano Ribeiro em que se evoca o louro emigrante que «traz na roupa o mapa de todas as patrias», e a terra e a gente brasileiras: «Naquela mata distante nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel»... Lá longe, ao fulgor do tropico, o cearense indomável segura o sol pelas crinas no chão revel... «Lá, em baixo, o gaúcho, de lança em triste, assombra a planície escampada montado no seu corcel»...

Porque a declamadora trata de evocar no seu programa todo o Brasil.

Porem, o mais interessante do cartaz de Dona Helena conforme nos faz notar, são as canções caracterisadamente brasileiras desse povo sentimental que canta ingenuamente:

«Sódade é uma dô que dá...
«Sódade não é dô de doce»...

E a «Ail baiana?!—diz-nos a artista—canção popular, nativamente brasileira.

Ail baiana,
Baiana, que é que bay?
Ail, baiana,
baiana, meu amô.

Essa baiana que canta:

Neste mundo eu ando
Cumprindo uma sina

e que graciosamente refere e canta:

Paimare, Reberão, Iscada,
Eu tenho uma namorada
Que me deu um broqué?
A vorta é crúe
Na namoração,
No aperto de mão
Poi s'imbora a ane.

Esse brasil idílico, curioso, sugestivo passa nas canções que a artista canta, recita e anima: Casa de caboco, Caboquilha, Segunda feira do Bomfim, A rede de Jatobá, o Home dos caranguejos e dos sirys, o Babá do arroz doce... que são, segundo conta o poeta brasileiro Ascenso Ferreira «deliciosa meninice das gentes da minha terra»...

Ouvir a voz cariciosa e expressiva de Dona Helena de Magalhães Castro é por certo ouvir a voz desse Brasil.

E' uma voz brasileira, terna, sugestiva, inefável, enleante, porque deve ter razão Nelson Vaz:

«Tua voz é qui nem linha
De novelo desmanchado,
Cal no chão, se desatrola,
dêxa a gente imbuçado»

SINTRA

A 2ª EXPOSIÇÃO



Stand dos conhecidos productos da Vacuum Oil Company que pelo seu interessante aspecto mereceu a atenção particular dos visitantes.



Stand dos Armazens Oléo.—O maior successo que se impz pela excelente tecnica dos seus modelos em mobiliario de escritorio genero americano—móveis stylo antigo e moderno, estofos e decorações.



Stand da fabrica de encerados, barracas, capas e toldos de João Ferreira Gomes, R. Vale de Santo Antonio, 59—Lisboa.



Stand da casa de Constancia Gomes Periquita, a afamada "fabrica de queijadas, pão de ló, biscoitos, bolos ingleses e da maior variedade em pastelaria e doçaria fina. Quem for a Sintra jamais se esquecerá da celebre «Periquita».



Stand da Casa Nestlé. Com exposição dos seus afamados productos: Farinha Nestlé, Leite «Moça» e Chocolates «Nestlé».



Stand dos extintores de incendios «S. I. C. L.». Alugando um destes aparelhos tereis a certeza de ter as vossas vidas e os vossos bens garantidos. H. Braamcamp Sobral, Ltd.—L. do Municipio, 19-2.º



Stand «Azenhas do Mar» ao qual coube, na Exposição, o (Premio Unico).



Stand da Fabrica de Queljadas «Mathilde», fundada em 1850. Tendo D. Fernando, o Rei regente, mandado buscar amostras deste delicioso doce a duas fabricas, unicas nesse tempo, em Ranholas, Sintra, deu a preferencia ás da Mathilde que ficou sendo fornecedora da Casa Real.



Stand dos vinhos «V. S.» que obteve o Diploma de Honra. Vinhos Genuinos Colares V. S. (Visconde de Salreu) D. J. Silva, Lta. A originalidade do seu Stand e os brindes que distribuia aos seus visitantes foi motivo dos maiores aplausos pelo esforço constante da actividade desta casa.



Stand da casa «Tinoca» (Diploma de Honra). Com uma exposição de saldos da Tinoca, Nitrato do Chile, Sulphatos, Enxofres e uma exposição completa de frutos e artigos agrícolas que os pequenos e grandes produtores espontaneamente ofereceram a esta casa para demonstrarem os bons resultados obtidos com a adubação preparada e vendida por esta casa.



COIMBRA CASAMENTO ELEGANTE

Nesta cidade realison-se o casamento da Sr.^a D. Estefania Carlota Menêres de Campos Moniz de Vilhena, gentil filha da Sr.^a D. Raquel Menêres de Campos Moniz de Vilhena e do Sr. Dr. Arnaldo Moniz Bordalo de Vilhena, com o Sr. Dr. João Belo de Oliveira e Silva, doutor clinico naquela cidade e assistente da Faculdade de Medicina, filho de D. Angelina Augusta d'Oliveira, já falecida, e do Sr. Silvestre Mendes da Silva.

Foram padrinhos da noiva o Sr. Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro, professor da Universidade de Coimbra e sua esposa a Sr.^a D. Maria Gloria Menêres de Campos de Almeida Ribeiro, o Sr. Dr. Antero Moniz Bordalo de Vilhena e sua esposa a Sr.^a D. Maria Amalia Menêres de Campos Vilhena e por parte do noivo, o Sr. José de Oliveira Fernandes do Nascimento e sua esposa a Sr.^a D. Ema Dias do Nascimento.

CHARADAS

SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V., LISBOA.

ANO II—N.º 74 SETEMBRO, 8
7.º TORNEIO 1 9 2 9

RESULTADOS DO N.º 68

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

REI FERA		
N.º 10		3 Votos

N.º 15, de «Soba da Torre».....	2 Votos
N.º 4, de «Arsenio Lupin».....	1
N.º 13, de «Visconde do Prado».....	1

Decifradores

QUADRO DE HONRA

A. D. MEIRA — AFRICANO	
Com 16 decifrações—Totalidade	

QUADRO DE MERITO

LAURITA, 11 — MISTER-MISTÉRIO, 11—	
TANAGRA, 11 — BAETA, 8 — VISCONDE DO PRADO, 8.	

Outros decifradores

Colibri, 7

Decifrações

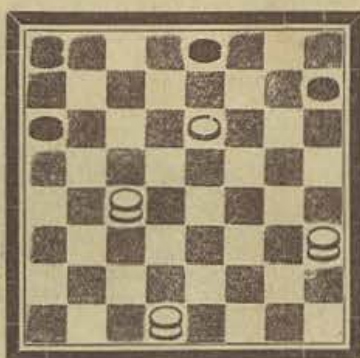
1 Cardosa — 2 Faxada — 3 Arcadas — 4 Morujada — 5 Emendado — 6 Calota — 7 Pedante — 8 Calachurro — 9 Pentendo — 10 ARCANO — 11 Bacorejado — 12 Artão — 13 Escaldada — 14 Encolado — 15 Diabo-Alma — 16 Pungarecos. BICUDAS—N.º 1, 2, 9 e 14, respectivamente de «A. D. Meira», «Africano», «Rei de Tebas» e «Vasco Dias», com 2 decifradores cada uma. GENTILEZAS—... Nada...



Toda a correspondência referente a esta secção, deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o «Notícias Ilustrado», Rua D. Pedro V., 18.

PROBLEMA N.º 2

Pretas 1 dama e 5 pedras



Branças 3 D e 1 pedra.

Saem as brancas e ganham.

O «NOTÍCIAS ILUSTRADO» ENCONTRA-SE A VENDA EM TODAS AS TABACARIAS

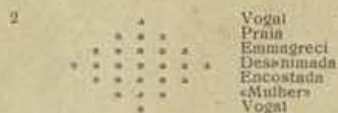
CHARADA AUXILIAR

—so—Dificuldade
—ra—Serra
—ra—Tributos
—ma—Resumo

Cabeçado

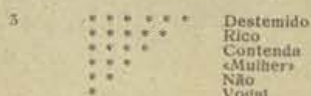
Matra VISCONDE DO PRADO (A. C. P. B.)

CHARADA EM LOSANGO



Lisboa CARDIAL DE VIGNY

CHARADA EM TRIANGULO



Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)

CHARADAS SINCOPADAS

4 Com esta «planta medicinal» aromatizei o «saco de coltro». —3-2.

Macinhata do Vonga

REI FANTASMA

Fui contemplado com um «instrumento» e uma quinta com casa de habitação. —3-2.

S. J. da Barra SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

6 Dizem que tem pouco valor para o gastrónomo a fiada de amêijoas a assar. —1-1.

Lisboa A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

7 Sou homem de mau gênio, e o meu principal defeito é ser descarado. —3-2.

Pôrto APINCRUZ

8 Não acho que isto «seja» uma planície. —1-1.

Lisboa COLIBRI

9 Para fazer fortuna, tenho uma «medida» de respeito. —2-1.

Pôrto MISTER MISTÉRIO

(A alguém que joga o gamão)

10 Ganhar uma série de partidas ao gamão não é para... uma mulher idosa. —2-1.

Lisboa ROMERA

(Em estilo «Privados»)

(Ó «Lupin!» O seu «Eureka» também tem disto?)

11 Oh! O porco estragou o rodete com que se desmancha a mandioca. —2-1.

Pôrto RENANDOP

12 Tirei o fuste que estava no buraco. —2-1.

Lisboa VASCO DIAS

Comprimidos de

eliminam pronta e seguramente dores de cabeça e de dentes, assim como reumatismo — enfim, são o melhor remédio em todos os resfriamentos.

TIPOS—MATERIAL
BRANCO—FILETES
VINHETAS—MA-

QUINAS TIPOGRA-
FICAS—ACCESSO-
R I O S

P. GINI

LISBOA
Rua Nova da Pidade, 62
TELEFONE N. 4236

PORTO
Rua Nova do Almada, 438
TELEFONE 2955

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

Academia
Scientifica
de Beleza

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

TELEFONE NORTE 3641



Desinfectar e limpar o organismo

especialmente órgãos tão importantes como os rins, a bexiga e o fígado, será tanto mais necessário quanto mais exposto esteja o homem pelo seu trabalho quotidiano, um clima tropical, etc. Nada ha melhor para tornar clara a urina turva, evitar as complicações da calculoses, prostatites, etc. do que os

Comprimidos Schering de
UROTROPINA



Tubo de Schering

ROLLFILMS

FILMPACKS



MAQUINAS FOTOGRAFICAS

O CINEMA!
UM BABY COM PATHÉ-BABY!
 TODAS AS CRIANÇAS GOSTAM TER A ALEGRIA
 SUPREMA DE FAZER UM FILME! PATHÉ-BABY PORTU-
 GAL, LTD., VENDE A PRESTÍGIOSAS MARAVILHOSAS MA-
 QUETES.



VEJA NESTE NUMERO:

A ILLICÇÃO DE DETECTIVE

•

O LEILÃO

NOVELA INEDITA

OLHO DE EÇA DE

•

O CARMO

A TRINDAD

COM TODA A GENTE

CONHECIDA

Uma assembleia no Studio

dos profissionais de imprensa

•

A TERRA ONDE

TODA GENTE

TEM SEIS DEDOS

•

SPORTS NAUTICO

•

LEURIA—VIL

DO COND

•

ACTUALIDADE

•

GRANDE REPORTA

DA

PRAIA DA

M A Ç A

•

L A M E G

E O SEU NOVO

MONUMENTO

•

HUMORISMO—CHISTAS

•

PUBLICIDADE ARTISTICA

•

(«Cliché» fotografico e fisico de L. reira da Cunha, duplamente auto-
 fotografia e do modelo.)